

# GRAMATICALIZAÇÃO E LEXICALIZAÇÃO DAS LEXIAS COMPLEXAS NO PORTUGUÊS ARCAICO

Isabella Venceslau FORTUNATO (UFBA - FAPESB)

**Resumo:** O presente trabalho tem o objetivo de discutir o processo de lexicalização e gramaticalização de lexias complexas sob uma perspectiva diacrônica enfocando o período arcaico da língua. Considerar-se-á como lexicalização o processo que cria formas lexicais, as quais apresentam um referente extralingüístico e como gramaticalização o processo de criação de formas gramaticais. As lexias são conjuntos de palavras que pela freqüência e pelo uso, tendem a ser utilizadas em bloco pelo falante e, para determinar o processo de formação de tais construções será necessário, primeiro, identificar a classe resultante do processo de fixação para, depois, analisar a sua formação estrutural.

**Abstract:** This paper aims at discussing the lexicalization and grammaticalization of complex idioms under a diachronic perspective, focusing on the archaic period of the language. It will be considered as lexicalization the process that creates lexical forms which have an extralinguistic referent, and as grammaticalization the process that creates grammatical forms. Idioms are sets of words that, by frequency and by use, tend to be used in blocks by the speaker, and to determine the formation process of such structures, it will be necessary to identify the creation process of idiomatic expressions' resulting class first and analyze its structural formation then.

## Gramaticalização como mecanismo de constituição lingüística

A língua é um sistema dinâmico que muda de acordo com as necessidades e a criatividade de seus falantes. Diversos podem ser os mecanismos de criação lingüísticas que servem a essa dinamicidade, como por exemplo: a invenção, ou seja, a combinação arbitrária de sons; uso de onomatopéias (combinação motivadas de sons); composição e derivação a partir de formas lexicais e gramaticais já existentes na língua; empréstimos de outras línguas. Esses são só alguns e normalmente servem para a criação de palavras lexicais. Mas o que seriam essas palavras lexicais? Para Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1986) são vocábulos “providos de semantema, ou seja, têm traços que remetem ao ambiente biossocial extralingüístico”.

Mas podemos ter também a formação de vocábulos gramaticais, os quais, ao contrário dos anteriores, não remetem a um conceito fora da língua, mas servem para estabelecer relações sintáticas na sentença. É um tipo de criação vocabular menos freqüente, mas que vem tendo bastante visibilidade, sobretudo nos estudos funcionalistas da língua. Esse processo é chamado gramaticalização.

A Gramaticalização inicialmente foi tratada como a “evolução em que unidades lingüísticas perdem em complexidade semântica, liberdade sintática e substância fonética” (HEINE; REH, 1984 apud CASTILHO, 1997), referindo-se “à migração de um item lexical para o sistema gramatical, quer como forma livre, quer como morfema preso” (BARRETO, 1999).

Esses “itens lexicais, com referentes extralingüísticos, vão gradativamente assumindo sentidos e funções intralingüísticas, em um crescendo funcional e abstratizante até que, após percorrer um suposto *continuum* de conceptualizações e funções lingüísticas, paralelamente a desgaste fônico, podem vir a desaparecer como formas” (BORBA COSTA, 2003).

Os estudos sobre gramaticalização nos mostram diversos *continua* unidirecionais que dizem respeito tanto às modificações semânticas sofridas pelos itens em questão, quanto à inserção destas nas categorias gramaticais e à sua apresentação morfofonêmica antes e após o processo.

1. PESSOAS > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE
2. DISCURSO > SINTAXE > MORFOLOGIA > MORFOFONÊMICA > ZERO
3. EMBRACED > AGGLUTINATED > FUSED

O primeiro diz respeito à extensão semântica sofrida pelos itens “gramaticalizados”. O segundo trata das etapas de descategorização e recategorização. Enquanto o quarto se refere ao significante.

Segundo Omena e Braga (1996 apud BARRETO, 1999), as características distintivas do processo de gramaticalização são as seguintes:

- **Manipulação conceitual** – processo em que itens lexicais ou menos gramaticais se tornam mais gramaticais.
- **Unidirecionalidade** - direção única: itens lexicais > itens gramaticais, itens mais gramaticais > itens menos gramaticais; casos que se processam em direção inversa devem ser analisados como exceções;
- **Assimetria forma/significado** – os itens de origem, isto é, itens "fonte" permanecem na língua, por algum tempo, com a sua forma original e o seu comportamento morfossintático; a mudança conceptual precede a morfológica e a fonológica, dando origem a um estado de assimetria em que uma mesma forma lingüística oferece simultaneamente dois diferentes significados. É o que, sincronicamente, determina a polissemia ou a homonímia.
- **Decategorização** – mudança de categoria gramatical e, conseqüentemente, alteração das características morfossintáticas originais;
- **Recategorização** – restauração da simetria forma/ significado, nas novas formas ou morfemas;
- **Perda de autonomia** – uma forma livre transforma-se em clítico, um clítico em afixo, passando assim a depender de outras palavras;
- **Erosão** – perda de material fonético, e conseqüente redução das formas.

Essas características não são privativas do processo de gramaticalização. A manipulação conceitual refere-se também a uma mudança semântica e não apenas a essa passagem de item [+ lexical] a [+ gramatical].

A mesma coisa podemos dizer da des/recategorização: tratar-se-á de um ou outro processo (gramaticalização, lexicalização ou discursivização) a depender da categoria (o que chamaremos mais adiante de subsistema) em que a forma final será inserida.

A questão da assimetria da forma e do significado pode até explicar alguns casos de homonímia e polissemia, mas nem todos seguem o contínuo léxico-gramática. O que diríamos dos casos de formas convergentes, por exemplo? Seu significante coincide casualmente com outro significante, mas suas raízes são diferentes.

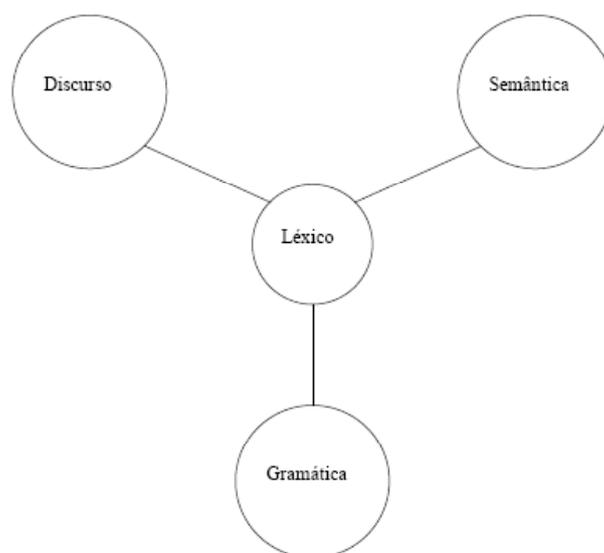
A perda de autonomia pode parecer característica inerente à gramaticalização, mas na verdade é uma conseqüência: as formas gramaticais, por serem formas de relação têm uma posição mais fixa na oração. Por isso, as formas que tomarem esses traços, perderão autonomia automaticamente.

Como foi dito antes, a perda fonética pode ocorrer ou não, logo não é distintiva e também pode ocorrer na formação de palavras que não se inserem no subsistema das formas gramaticais.

A única característica, pois específica do processo de gramaticalização, é que seu produto é uma forma gramatical. Todas as outras etapas serão compartilhadas com outros processos de formação de elementos lingüísticos. Veremos mais adiante quais serão esses processos.

## O sistema-língua

A língua é linear e unidirecional na sua manifestação, como se pode facilmente observar na escrita (as palavras uma após as outras dispostas numa ordem mais ou menos flexível) e na fala (os sons sendo pronunciados um após o outro). Mas a mudança lingüística não é uni nem necessariamente direcional. Primeiramente porque é notório que ela não constitui um sistema uniforme e homogêneo, mas é organizada em diferentes multissistemas interdependentes. É o que sugere Castilho (2003) em sua “Proposta Funcionalista de Mudança Lingüística”, em que apresenta a Gramática, Semântica e Discurso como sistemas independentes, dispostos em torno do Léxico.



O autor admite quatro processos diversos na constituição da língua, a saber:

A **Lexicalização** seria o processo de criação das palavras por seleção de categorias cognitivas e de traços semânticos derivados, processando-se sua concentração num dado item, o qual é composto por um conteúdo semântico e uma seqüência fonológica. Uma vez criadas, as palavras passam por alterações em suas categorias e subcategorias cognitivas, tanto quanto em seus papéis semânticos.

A **semanticização** seria criação e as alterações do sentido.

A **discursivização** ultrapassaria a sentença como limite máximo da análise lingüística. Discurso é a interação lingüística em presença, discurso é conversação, organizada por um "aparato enunciativo", que inclui o locutor, o interlocutor, o assunto, e a rede de imagens que os falantes constituem a respeito deles mesmos e de suas pressupostas posições no que se refere ao assunto.

A **gramaticalização** dividir-se-ia em três subprocessos: fonologização (alterações no corpo fônico das palavras), morfologização (alterações que afetam o radical e os afixos) e sintaticização (alterações que afetam os arranjos sintagmático e sentencial), que ocorrem simultaneamente, sem uma hierarquia entre eles.

Concordamos com a visão dele da língua como multissistema e também concordamos com o fato de a gramaticalização ser somente um dos processos de criação lingüística.

Mas o que seria essa criação lingüística? Criação de palavras? De formas? De morfemas? De estruturas?

A constituição lingüística de que trata Castilho no referido texto é prévia à criação de itens lexicais – entendidos aqui como formas lexicais, gramaticais e discursivas que compõem o léxico da língua, seu o vocabulário. É a constituição de formas abstratas que irão trabalhar na criação das formas propriamente ditas.

Falaremos dessas formas e da sua criação e/ou transformação, já no plano lingüístico e não das etapas que estão por trás dessa criação.

Temos na língua formas lexicais, gramaticais e discursivas. As **lexicais** são providas de semantema (CÂMARA, 1986), ou seja, têm traços que remetem ao ambiente biossocial extralingüístico. Essas formas também são gramaticais, pois têm função dentro da sentença. Gramática é, no sentido mais amplo da palavra, a reunião de normas, composições e diretrizes, que regem a formação dos enunciados. Seguindo a idéia de AZEREDO (2004): “A gramática de uma língua é um sistema de unidades e de regras que as combinam em construções de extensão variável”. Logo todos os elementos lingüísticos, quando se dispõem para formar um enunciado estão submetidos à gramática. Mas sabemos da existência de formas que são desprovidas de semantema “unidades pouco numerosas - e respectivas relações de sentido - organizada em paradigmas fechados” (AZEREDO, 2004). São as **formas gramaticais**. Essas unidades diferem das anteriores pela falta de remissão ao ambiente extralingüístico e pelo estabelecimento de relações entre partes da sentença. Mas esse “esvaziamento” de referente não é categórico. Podemos ter formas gramaticais com conteúdo e que estabelecem relações. Seria talvez o caso das locuções prepositivas que, assim como as preposições têm a função de subordinar, mas, por terem substantivos, verbos ou advérbios na sua composição, remetem a conceitos fora do texto.

em matéria de  
no tocante a  
depois de  
por causa do  
por questão de

ASSUNTO
TEMPO
CAUSA

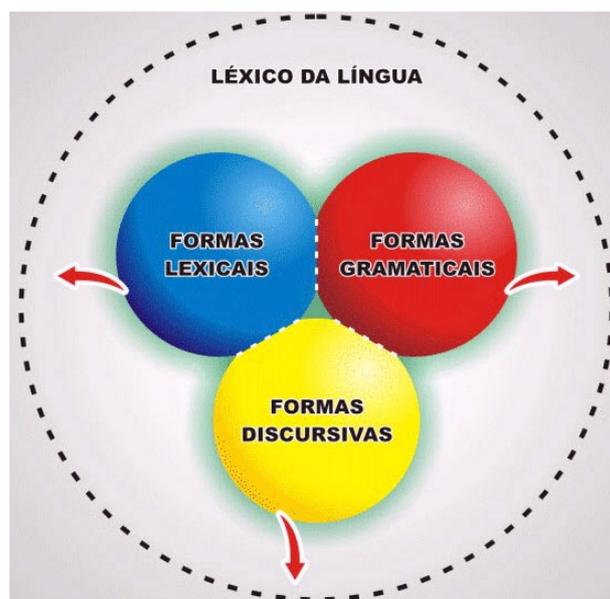
em frente à  
ao longo de  
ao pé de  
por baixo de  
por cima de

LUGAR
-------

O que chamamos de referente “fora do texto” são as categorias cognitivas de Castilho (2003): “VISÃO, OBJETO, ESPAÇO, TEMPO, MOVIMENTO, EVENTO, etc. Categorias essas que o autor associa à lexicalização, ou seja “processo de criação das palavras via seleção dessas categorias e dos traços semânticos selecionados por elas”.

Por fim, como **formas discursivas**, entendemos os marcadores discursivos e modalizadores que imprimem no enunciado a presença de um falante e de um interlocutor e, conseqüentemente de todos os outros elementos de integram a interação verbal. Mas se pensarmos bem, há elementos que “classificamos” (se é que é possível categorizar as palavras da língua em classes estanques e derivadas hierarquicamente umas das outras) como palavras gramaticais, mas que, por serem dêiticas, remetem ao ato comunicativo. É o caso dos pronomes. Eles estariam em um “limbo” entre o discurso e a gramática.

Tendo apresentado essa visão das formas lingüísticas, podemos passar à formulação do que seria um esquema da integração dos subsistemas que compõem a língua, seguindo a proposta de Castilho (2003) e questionando o princípio da unidirecionalidade que serve de suporte ao processo de gramaticalização.



Dentro deste esquema temos as formas<sup>1</sup> apresentadas anteriormente. Os subsistemas são independentes por terem suas características peculiares, mas são interligados e interdependentes por fazerem parte de um sistema único maior, que é o sistema da língua (sistema no sentido saussureano da palavra). A todo momento formas passam de um subsistema para outro, corroborando com o dinamismo da língua.

Todas essas formas, por serem signos lingüísticos, são compostas de significante e significado, por isso não achamos adequado ter um subsistema à parte para a “Semântica” de Castilho (2003): todas as formas de que estamos tratando têm algum tipo de significado, independentemente de ser um elemento gramatical ou lexical, logo a “sombra verde” que envolve todas elas.

Todas as formas lingüísticas encontram-se no léxico da língua. Isso para marcar as duas noções distintas de léxico:

“**Léxico**: lista das palavras do português. Repositório de informação idiossincrática (não diretamente governada por regras) da língua.” (PERINI, 1995) e

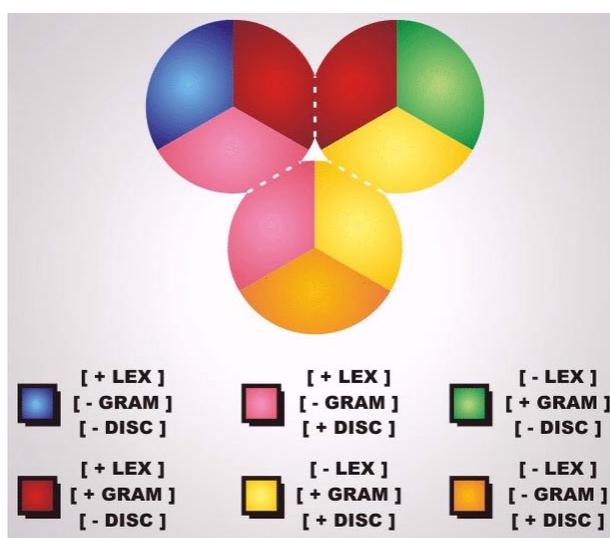
<sup>1</sup> uso o vocábulo “forma” para marcar que o elemento lingüístico em questão não se limita à palavra, mas abarca todas as unidades providas de significados, ou seja, morfemas, vocábulos, lexias complexas

“a parte do vocabulário correspondente às palavras ou vocábulos providos de semantema ou vocábulo que é lexema.” (CÂMARA, 1986).

À primeira definição associamos o léxico da língua, sistema maior em que nossos subsistemas estão inseridos. E subsistema das formas lexicais para a segunda definição. A todo momento, com a fluidez e o dinamismo da língua, mais a criatividade dos falantes e as possibilidades de criação da língua, saem e entram formas (e não apenas vocábulos) nesse léxico, elementos lingüísticos nascem, morrem, se transformam... Sempre que temos uma nova criação, uma nova acepção, um caso de uma forma lingüística que tinha um significado emprega e passa a ter outro, cria-se uma nova entrada que vai compor léxico da língua. Para Sônia Borba Costa (2006) essa definição de léxico da língua teria o nome de “acervo lexical”.

Mas, como foi dito anteriormente, esses subsistemas não são homogêneos. Dentro de cada um deles, temos formas mais ou menos específicas do sistema em que elas se encontram ou com características de outro. As classificações de formas lingüísticas não podem ser estáticas até porque a língua não o é.

As palavras podem se formar – além de através de outros métodos – pela passagem de formas de um subsistema para outro, confirmando o princípio da economia lingüística. A **direcionalidade** (e não unidirecionalidade) de dá entre os sistemas, nessa passagem. Sempre que uma forma é usada com novos significados, com novas funções, com novos traços, ela passar a constituir um novo elemento que fará parte do léxico da língua.



Temos então, no subsistema das **formas lexicais** formas que apresentam como característica distintiva dos outros subsistemas o fato de remeterem a um referente extralingüístico. Podemos então constatar que temos formas:

[+ lexicais]  
[- gramaticais]  
[- discursivas]

<ul style="list-style-type: none"> <li>– <b>escrivão público</b></li> <li>– <b>sinal da cruz</b></li> <li>– <b>de praça</b></li> <li>– <b>de idade</b></li> <li>– à tarde</li> <li>– ao amanhecer</li> <li>– <b>ao sol posto</b></li> <li>– às vezes</li> <li>– das vezes (às vezes)</li> <li>– de aí a pouco</li> <li>– de manhã</li> <li>– em nenhum tempo</li> <li>– em nosso tempo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– enalguu tempo</li> <li>– per todo sempre</li> <li>– por então</li> <li>– per vezes</li> <li>– por sêp(re)</li> <li>– por todo tempo</li> <li>– à mão direita</li> <li>– ao longo</li> <li>– duma mão para a outra</li> <li>– <b>ao pé de</b></li> <li>– de baixo a cima</li> <li>– de esteio a esteio</li> <li>– (de) fonte a fonte</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– de ponta a ponta</li> <li>– de uma parte à outra</li> <li>– per um grande espaço</li> <li>– por toda a parte</li> <li>– por fora</li> <li>– por aí</li> <li>– por aqui</li> <li>– por cima</li> <li>– à pressa</li> <li>– a toda prova</li> <li>– à vontade</li> <li>– ao pé da letra</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– de tal guisa</li> <li>– desta guisa</li> <li>– em joelhos</li> <li>– em pé</li> <li>– em tal maneira</li> <li>– em tal pena</li> <li>– p(er) mias c(us)tas</li> <li>– gota a gota</li> <li>– <b>pouco a pouco</b></li> <li>– <b>poucos e poucos</b></li> <li>– per medo ou per força</li> <li>– por certo</li> </ul>
---	---	---	---

<b>escrivaos publicos</b>	seyan postos <b>escrivaos publicos</b> que chamen taballioes iurados, (FRAX)
<b>scriuaans publicos</b>	Os <b>scriuaans publicos</b> tenham as notas primeyras de totalhas cartas que fezerẽ, (FRAX)
<b>scriuaões publicos</b>	Titulo <VIII> dos <b>scriuaões publicos</b> (FRAX)
<b>sinal da Cruz</b>	E pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho, ao fim da qual tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o <b>sinal da Cruz</b> , sob cuja obediência viemos, o que foi muito a propósito e fez muita devoção.(CCAM)
<b>de praça</b>	suas salas eram <b>de praça</b> em todos lugares per onde andava, fartas de vianda em grande abastança.(CDP)
<b>de idade</b>	Esse que o agasalhou era já <b>de idade</b> , (CCAM)
<b>ao pé da letra</b>	Aquilo tudo que ela fazia era <b>ao pé da letra</b> , como os pais faziam lá, desde quando ela veio de lá da Itália. (NURC70-081) <sup>2</sup>
<b>ao sol posto</b>	e, <b>ao sol posto</b> , obra de seis léguas da terra, surgimos âncoras, (CCAM)
<b>pouco a pouco</b>	e depois <b>pouco a pouco</b> misturaram-se conosco. (CCAM)
<b>poucos e poucos</b>	Quando fizemos vela, estariam já na praia assentados perto do rio obra de sessenta ou setenta homens que se haviam juntado ali <b>poucos e poucos</b> . (CCAM)

 [+ lexicais]  
 [+ gramaticais]  
 [- discursivas]

abaixo de, acima de, ao longo da, ao pé de, até cima de, atrás de, debaixo de, em direção à, em frente à, perto do, por baixo de, por cima de, em maneira de, ao fim de, obra de, acerca de, depois de, em matéria de, no tocante a, per azo de, per razão do, por causa do, por questão de

<b>ao pé de</b>	armaram altar <b>ao pé dela</b> . (CCAM)
<b>ao pé de</b>	Pelo que o padre frei Henrique se assentou <b>ao pé da cruz</b> e ali, (CCAM)
<b>no tocante a</b>	DOC - Vamos lembrar os tipos diversos de sopa que se podem fazer? 089 - Sim. <b>No tocante a</b> preparo? DOC - Sim... (NURC70-081)
<b>em matéria de</b>	[...] mas, honestamente, eu sou muito fraca <b>em matéria de</b> condimentos, sabe? (rindo) 545
<b>por cima de</b>	Os cabelos[...] seus são rapados até <b>por cima das</b> orelhas. (CCAM)
<b>por questão de</b>	Bem, <b>por questão de</b> princípio, em geral, nós gostamos sempre de, em primeiro lugar, como sobremesa, frutas.
<b>depois de</b>	Ora assi é que, enquanto Dona Inês foi viva, nem <b>depois da</b> morte dela, enquanto el-rei seu padre viveu, (CDP)
<b>ao fim de</b>	E pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho, <b>ao fim da</b> qual tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da Cruz, sob cuja obediência viemos, o que foi muito a propósito e fez muita devoção. (CCAM)
<b>ao fim de</b>	tratando, <b>ao fim da</b> pregação, deste vosso prosseguimento tão santo e virtuoso, o que nos aumentou a devoção. (CCAM)
<b>debaixo de</b>	e, quando nos viram assim vir, alguns se foram meter <b>debaixo dela</b> , para nos ajudar. (CCAM)

 [+ lexicais]  
 [- gramaticais]  
 [+ discursivas]

De jeito nenhum, Digamos assim, Quer dizer, Se não me engano, Vamos dizer, Vamos dizer assim,

**de jeito nenhum** Não, **de jeito nenhum**. (NURC70-081)

<sup>2</sup> Esse exemplo é retirado do NURC da década de Setenta da cidade de Salvador (MOTA, 1994) somente para complementar os dados já que a língua falada é de extrema importância na exemplificação.

<b>digamos assim</b>	mas nós preferimos mesmo fazer uma refeição mais, <b>digamos assim</b> , substancial, pela manhã, incluindo, nesse caso, vamos dizer, bifés, malpassado, etc., (NURC70-081)
<b>quer dizer</b>	Então, eles estão tentando uma maneira de industrializar, <b>quer dizer</b> , acondicionar a água do coco, para que seja importado, ou melhor, que eles... sim, que eles importem o... a... a água do coco, coco verde, coco mole. Lombinho é um defumado de porco também, usado, em geral, ou na própria comida, para preparo, <b>eu quero dizer</b> , ou até mesmo, por vezes, com o pão... no pão puro para aquela primeira 220 refeição, ou como queiram, ou como cada qual usa. (NURC70-081)
<b>se não me engano</b>	Bem, os... o... ainda usam aqui, embora não seja, assim, do meu gosto... ah... miolos e vísceras ainda, como fígado, rim e quase todas as outras, porque fazem aí... <b>se não me engano</b> , chamam mocotó ou 175 qualquer coisa assim, onde usam canela do boi, e rabada, e bucho e tantas coisas assim. (NURC70-081)
<b>vamos dizer</b>	mas nós preferimos mesmo fazer uma refeição mais, digamos assim, substancial, pela manhã, incluindo, nesse caso, <b>vamos dizer</b> , bifés, malpassado, etc., (NURC70-081)
<b>vamos dizer assim</b>	Eu vou lhe dizer uma particularidade sobre essa história do figo: a primeira vez que ela foi, <b>vamos dizer assim</b> , manusear o figo, queimou-se toda, (NURC70-081) <sup>3</sup>

 [- lexicais]  
[- gramaticais]  
[+ discursivas]

né

Né

"Bem... todas as três são vergonhosas... **né?** aquela coisa assim deplorável... cada vez estão colocando mais impostos... impostos absurdos... pra se pagar... **né?** tipo esse imposto do cheque...e:... várias coisas, **né?**... aí... é:... é complicado porque eu acho uma pouca vergonha... **né?**"<sup>4</sup>

 [- lexicais]  
[+ gramaticais]  
[+ discursivas]

O "aí" anafórico e o "aí" discursivo: **E aí? É isso aí!**

Nesses exemplos, poderemos observar diferentes "aí" que podem exemplificar a ocorrência dos diferentes processos: o aí anafórico com sentido espacial (Andamos **por aí**), o temporal (**de aí a pouco** começaram a vir mais), o conectivo seqüencial (só que **aí** o tênis não... coube no meu pé... **aí** eu tive que trocar).

**de aí a pouco**  
**por aí**  
**aí**

e **de aí a pouco** começaram a vir mais. (CCAM)  
Andamos **por aí** vendo a ribeira, a qual é de muita água e muito boa. (CCAM)  
"...minha mãe me deu um tênis de presente... só que **aí** o tênis não... coube no meu pé... **aí** eu tive que trocar... eu fui trocar... no Barra Shopping... **aí** eu peguei um... uma linha de ônibus que é muito assaltada... **aí** eu fui, né?... **aí** eu sentei no ônibus... **aí** sentou um camarada do meu lado..."

**aí**

"...primeiro tu vai me dizer que que tem dentro dessa caixa **aí**... eu falei... aqui não tem nada não... **aí** ele falou assim mentira... eu sei que essa caixa **aí** é da Redley..."<sup>5</sup>



As preposições: **de, a**  
As conjunções: **e, nem, mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto, logo, portanto, pois, então, assim, por isso, que, porque, pois.**

<sup>3</sup> IDEM

<sup>4</sup> Exemplos tirados do texto "o paradi"

<sup>5</sup> IDEM

[- lexicais]  
[+ gramaticais]  
[- discursivas]

Há uma certa dificuldade em se encontrar uma lexia que seja somente gramatical, pois como elas são formadas por composição e, normalmente, um dos elementos dessa composição é uma forma [+ lexical], mas podemos falar das preposições mais “esvaziadas” de significado [- lexical] e que servem para organizar os termos na frase.

Chegamos assim à conclusão de que a gramaticalização é um dos processos de formação de elementos lingüísticos, mais precisamente o processo de criação das formas gramaticais. A lexicalização, por analogia, é a formação de palavras lexicais e a discursivização, a formação de formas discursivas. Esses processos compartilham algumas etapas, como por exemplo, a extensão semântica (o termo “esvaziamento semântico”, como diz Castilho [2003] é inadequado, pois pressupõe perda de significado) e possível perda fonológica decorrente da justaposição e da conseqüente aglutinação.

Não se pode pensar nessas etapas como caracterizadoras dos processos de gramaticalização porque ambos podem ocorrer independentemente do produto do processo de criação lingüística, seja ele gramatical, lexical ou discursivo.

### O que são lexias?

As palavras de uma língua não levam vida isolada, mas tendem a relacionar-se entre si, combinando-se. O cérebro, obedecendo ao princípio da economia lingüística, acha vantagem em que as palavras ocorram em grupo, para as suas necessidades de expressão. Esse é um preceito básico das línguas humanas e uma tendência mecânica, onde se renuncia à análise em prol do uso de grupos de signos tomados em bloco. A escolha do vocábulo lexia, que foi utilizado por POTTIER (1972; 1978), destaca o caráter lexical que a expressão assume uma vez que seus elementos estiverem fixados. As lexias são, portanto, unidades lexicais complexas que o falante não constrói no momento da fala, mas tira do conjunto da sua memória lexical, assim como faz com as unidades simples. Os itens lexicais que formam tais unidades encontram-se em processo de **fixação** e permanecerão na língua como uma unidade na língua graças à sua reproduzibilidade em bloco por parte dos falantes até ocorrer a sua convencionalização, o que provará que a combinação foi sancionada pelo uso.

Mas essa fixação não é absoluta, pois poderá haver **variação** flexional, sintática e semântica. Isso ocorrerá segundo um *continuum* que vai desde a solidariedade lexical, em que itens são repetidos juntos, mas cujo significado é facilmente dedutível do significado de suas partes, até o outro extremo em que a desmotivação é total.

Essa desmotivação pode ser chamada de **idiomaticidade** e também constitui, para alguns autores (ZULUAGA, 1980; CORPAS PASTOR, 1996) uma das propriedades inerentes às lexias: o significado global interno de uso difere do significado global externo de uso dos constituintes individuais em combinações livre.

A nosso ver essa não é uma propriedade caracterizadora, mas não podemos negar a sua importância dentro desse *continuum* de fixação a qual, como vimos, é um fator relativo, pois nem sempre há fixação total.

Esse continuum começa na escolha livre dos elementos lexicais que irão figurar, com total transparência de significado no sintagma composicional, e termina no que POTTIER (1972; 1978) chama de lexia composta que nada mais são do que as nossas palavras compostas. Não Trataremos neste trabalho das expressões correspondentes a esses dois extremos, pois constituem dois casos de combinação por livre escolha do falante, o que não vem ao caso em um estudo de lexias complexas.

Sintagma composicional	Fixação grau 1	Fixação grau 2	Fixação grau 3	Fixação grau 4	Lexias compostas
------------------------	----------------	----------------	----------------	----------------	------------------



**Fixação grau 1:** Elas têm um significado dedutível do significado das suas partes, mas também são compostos estáveis, logo, não são nem combinações fixas nem livres.

Ex.: Hábitos alimentares → Vamos às refeições que habitualmente se fazem no período de um dia? Pode ser quanto aos seus **hábitos alimentares**, mas não necessariamente, obrigatoriamente.

Os elementos aqui andam juntos por força do hábito, o que acarreta que, quando se pronuncia um, ou outro logo vem à mente do falante, mas seus significados são transparentes.

LAPA (1977) e VILELA (1979) tratarão do caso dessas expressões sob a denominação de solidariedade lexical.

**Fixação grau 2:** a expressão conserva seu valor composicional, mas lhe acrescenta algo:

VILELA (2002) chamará essas ocorrências de quase-frasemas.

Ex.: Caldo de carne → Primeiro lugar, nós temos a sopa d... usando-se o **caldo de carne** com... aí pode... podemos variar bastante, porque podemos usar como engrossante, digamos assim, o arroz, a lentilha;

Assume a consistência do caldo e o sabor da carne, mas é um produto industrializado diferente do verdadeiro (e composicional) caldo de carne natural.

**Fixação grau 3:** A colocação é a unidade fraseológica em que um de seus elementos conserva o seu valor externo (que tem na técnica livre do discurso) e o outro (ou os outros), abandonando o seu significado de uso externo, tem um outro valor com o qual marca a idiomaticidade de toda a unidade.

Ex.: abrir o apetite → Numa ocasião de requinte, enquanto aguardamos, assim, que seja servida a mesa, nós... eh,.. oferecemos sempre um pequeno aperitivo, com aquela finalidade de não somente se aguardar que a mesa seja servida, como até **abrir o apetite**, digamos.

O “abrir” não tem mais o seu sentido denotativo de descerrar, mas “apetite” continua com seu significado original)

É o que VILELA (2002) chamará de *semi-frasema*.

**Fixação grau 4:** Expressões sem qualquer uso externo, em que a desmotivação é total. A idiomaticidade desapareceu e o processo de fraseologização ficou totalmente oculto.

Ex.: ao pé da letra → Aquilo tudo que ela fazia era **ao pé da letra**, como os pais faziam lá, desde quando ela veio de lá da Itália. (NURC70-081)

É o que VILELA (2002) chamará de *frasema* e LAPA (1977) de *grupo fraseológico*.

### Como as lexias se encaixam no sistema-língua e nos seus subsistemas?

Nas classificações das lexias dentre as formas lexicais, gramaticais ou discursivas, levam-se em consideração tanto a fixação dos elementos formadores das lexias como a extensão semântica que esses elementos sofrem quando da sua fixação. O produto obtido após a fixação inserir-se-á em algum subsistema observando-se traços como presença ou ausência referente extralingüístico, função dentro da sentença e/ou dentro do discurso etc.

Tentaremos provar, ao longo da pesquisa que motiva este trabalho, que, mesmo que a lexia já formada dê como produto uma forma lexical, seus elementos constitutivos poderão sofrer gramaticalização, pois, com a fixação, são obrigados a obedecer a uma determinada ordem e entram numa relação mais rígida entre si, em prol da formação da expressão como um todo.

Esse seria mais um argumento contra a unidirecionalidade, pois, nessa perspectiva, os processos de lexicalização e de gramaticalização não são opostos como fazia crer a visão, mas podem acontecer simultaneamente e até atingir, mesmo que de maneiras diferentes, o mesmo item.

### Referências bibliográficas

AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BARRETO, Therezinha Maria de Mello. Gramaticalização das conjunções na história do português. 4 v. Tese de Doutorado. Salvador: PPGL/UFBA, 1999.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. Dicionário de lingüística e gramática. Petrópolis: Vozes, 1986.

CASTILHO, A. Língua falada e gramaticalização. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, 1. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1997. p. 107-120.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Proposta Funcionalista de Mudança Lingüística*, 2004. Disponível em: < [www.fflch.usp.br/dlcv/lport/ATCastilho001.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/ATCastilho001.pdf) >. Acesso em: 29 jun. 2005.

- CORPAS PASTOR, Gloria. *Manual de fraseología española*, Madrid: Gredos, 1996.
- COSTA, Sônia Bastos Borba. Adverbiais espaciais e temporais do português: indícios diacrônicos de gramaticalização. 3 v. Tese de Doutorado. Salvador: PPGL/UFBA, 2003
- ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. In: KLEIN, Wolfgang (ed.). *Linguistics: an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000. p.29-60.
- HEINE, Bernd; REH, Mechthild. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: H. Buske, 1984.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora, 1977. p. 57-68
- MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG; Vera (Org.). A linguagem falada culta na cidade de Salvador: Materiais para seu estudo. V. I. Salvador, UFBA, 1994. p. 177-196.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- OMENA, N. P. BRAGA, M. L. A gente está se gramaticalizando? . In: ALZIRA MACEDO. (Org.). *Varição e Discurso*. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, v. 2, p. 55-57.
- PERINI, Mário Alberto. Gramática Descritiva do Português. São Paulo: Ática, 1995. p. 343-349.
- POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1978. p. 268- 276.
- POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro. *Estruturas lingüísticas do português*. São Paulo: Difusão européia do livro, 1972. p. 26-29.
- VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra, Livraria Almedina, 1979.
- VILELA, Mário. *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Almedina, 2002.
- VOTRE, Sebastião; MARTELOTTA, Mário Eduardo; CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: \_\_\_\_\_ (org.). Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996. p. 45-75.
- ZULUAGA, Alberto. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt am Maim: Peter D. Lang, 1980.